

**QUE
SALAZAR
ERA O
SALAZAR DE
FERNANDO
PESSOA?**

**TEXTOS DE
FERNANDO PESSOA**

com comentários e uma
Cronologia Breve de Um Ditador Longo,
de Manuel S. Fonseca

NÃO-FICÇÃO · HISTÓRIA

ÍNDICE

UMA PLURALIDADE DE SALAZARES	11
QUE SALAZAR ERA O SALAZAR DE FERNANDO PESSOA?	15
<i>Preâmbulo antifascista (e anticomunista)</i>	<i>16</i>
Os fascistas matam seu pai	17
Plagiamos o fascismo e o hitlerismo	18
Tio Mussolini e abade Lénine	19
O fascismo deu-lhe uma bofetada do lado esquerdo	20
O comunismo é um dogmatismo sem sistema	21
A traição dos democratas	22
<i>Uma ditadura ou um interregno?</i>	<i>24</i>
O interregno. Defesa e justificação da ditadura militar em Portugal	26
<i>A ditadura antes de Salazar</i>	<i>32</i>
Cantiga do “Bristol”. Fado da Censura	34
A ditadura militar surgiu como um comboio onde não há linha	36
<i>Um asceta chamado Salazar</i>	<i>38</i>
Uma república impingida.	40
Trata-se de governar estas bestas, e não de as transformar em gente	41
<i>Nasce o ditador das finanças</i>	<i>42</i>
A mão irónica do Prof. Salazar	45
Não há um Mussolini, como em Itália, um Salazar, como agora em Portugal	48
O <i>superavit</i> de Afonso Costa foi recebido à gargalhada, o de Salazar logo aceite	52
<i>Salazar, chefe ou mordomo?</i>	<i>54</i>
Salazar o que é mais é católico	56
O Prof. Salazar não é um estadista, é um contabilista.	58

Não há opressão em Portugal.	60
Salazar foi ainda mais longe	63
<i>Salazar com o poder que Afonso Costa não teve</i>	64
Salazar é considerado um grande ser, um homem de inteligência clara	65
Um cadáver emotivo	69
A inteligência monocórdica do Prof. Salazar	70
<i>As traves do Estado Novo</i>	72
Nada importa julgar mau o Estado Novo. Existe. O interregno cessou	73
<i>A tripla prole do Anticristo</i>	74
Carta ao jornal <i>A Voz</i>	75
<i>O duelo entre a liberdade e a tirania</i>	78
O erro de Salazar na resposta a Afonso Costa	80
Sim, sou situacionista. Mas vamos lá a uma coisa...	82
Ninguém exige ao Presidente do Conselho que vá fazer soco.	84
Em Itália, os intelectuais estiveram contra o regime fascista	85
Mais valia publicar um decreto-lei que rezasse assim	86
<i>A velada astúcia política de Salazar</i>	88
Uma ditadura à la Mussolini	89
Mussolini e Hitler agarram-se à absoluta banalidade das suas ideias	91
A desordem e a má administração	92
<i>A Maçonaria entre Salazar e Pessoa</i>	94
As Associações Secretas	96
Solenemente	107
Incompetente para o cargo que assumiu	108
O Prof. Salazar quis alçar-se a um pedestal. ~	109
Salazar é mealheiro	110
<i>A inumanidade literária de Salazar</i>	112
Chamamos-lhe por vezes jesuíta	114
Esse narcisismo provinciano	121
«Mar salgado»	122
António de Oliveira Salazar	123
À Emissora Nacional	125
Mata os piolhos maiores	126
Carta a Adolfo Casais Monteiro (rascunho)	127
Não é que não publique porque não quero	128
Sim, é o Estado Novo	129

Meu pobre Portugal	131
Poema de amor em estado novo	132
<i>Contra a Ignorância, o Fanatismo e a Tirania: o auto-retrato de Pessoa</i>	136
O Nacionalismo Liberal não é um partido político	137
Nota Biográfica.	139
CRONOLOGIA BREVE DE UM DITADOR LONGO	141

UMA PLURALIDADE DE SALAZARES

por Manuel S. Fonseca

Que Salazar era o Salazar de Fernando Pessoa? E foi sempre o mesmo, o Salazar que, vindo de um buraco negro, desagou, entre 1926 e 1928, no dia-a-dia dos portugueses e, por consequência, no de Fernando Pessoa? Será que, à imitação da pluralidade pessoana, houve também uma pluralidade de Salazares, ao ritmo pós-republicano e anti-republicano, que vai do 28 de Maio, da Ditadura Militar, ao plebiscito da Constituição e à edificação do Estado Novo?

Falecido a 30 de Novembro de 1935, Fernando Pessoa não conheceu o Salazar da Legião Portuguesa e da Mocidade Portuguesa. Pessoa não conheceu o Salazar que desde a primeira hora apoiou Franco na Guerra Civil de Espanha. Nem Pessoa podia adivinhar o Salazar do «para Angola, rapidamente e em força», de 1961. Ou seja, o breve Salazar que Fernando Pessoa conheceu não era, ou não era ainda e plenamente, o ditador longo de 36 anos de que o nome «Salazar» é embalagem quando hoje o invocamos ou execramos. Em suma, o Salazar de Fernando Pessoa, e foram como veremos vários Salazares, não era o Salazar que, hoje, nostálgicos ou reprobatórios, brandimos e reconhecemos.

O primeiro texto em que o poeta nomeia Salazar é, provavelmente, de 1929. A figura do estudante e depois professor de Coimbra fora-lhe, até aí, estranha, mais estranha ainda a do jovem provinciano de Santa Comba Dão. Pessoa talvez tenha descoberto Salazar quando os portugueses o descobriram, um professor de Coimbra que os militares convidavam, em Junho de 1926, para pôr em ordem as finanças de um país nas

mãos dos generais de um golpe militar (que era então mais um), de um país que desesperava por um empréstimo internacional para fugir com o rabo às chamas da bancarrota. E como esse jovem e já circunspecto Salazar recusou, recolhendo-se a Coimbra, talvez só verdadeiramente Pessoa tenha visto, avaliado e sopesado plenamente a figura do futuro «ditador das finanças» quando, por fim, ele aceita, a 27 de Abril de 1928, ser ministro das Finanças do Governo do coronel Vicente Freitas, a que dera posse o general Óscar Carmona, candidato único, eleito presidente da República.

Nos sete anos que se seguiram, até à sua morte, Pessoa viu Salazar florescer e viu a sua influência alastrar como hera, passando de ministro a chefe do governo, de chefe do governo a indiscutida primeira figura do Estado.

Desse Salazar, o dos sete anos em que Pessoa conviveu com a figura pública dele, brotaram diferentes Salazares, ou pelo menos várias aparências dele, reveladas ou camufladas pelas circunstâncias e pelo taticismo que sempre elas ditam. Fernando Pessoa, irrequieto cidadão do seu tempo, há-de passar em revista os Salazares que Salazar tão completamente fingiu, interpelando-os com o tom e o modo que vão do louvor, conforto ou compreensão, à desconfiança e à crítica, ao ataque descabeçado que a decepção e o desencanto lhe inspiraram. Por fim, à sátira.

Seleccionámos para este livro todos os textos conhecidos, prosa ou verso, em que Pessoa escreve sobre Salazar. Acrescentámos-lhe alguns textos em que Pessoa se refere aos dois regimes autoritários, fascistas e comunistas, que cindiram então a Europa, sangrando-a tragicamente nas décadas seguintes, com campos de concentração e gulagues. A esmagadora maioria desses textos, em vida dele, não saiu do quarto de Pessoa, ficando a forrar a sua arca. Estes textos estão hoje dispersos por livros publicados por diferentes investigadores pessoanos, de Teresa Rita Lopes, Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão a Teresa Sobral Cunha e João Rui de Sousa ou António Quadros e António de Pina Coelho, a quem Pessoa e os seus leitores tudo devem.

Enriquecem este livro alguns textos que o trabalho do professor José Barreto revelou pela primeira vez aos leitores de Pessoa, no seu excelente e sistemático *Sobre o Fascismo, a Ditadura Militar e Salazar*, que a Tinta-da-china editou em Fevereiro de 2015, na colecção coordenada

por Jerónimo Pizarro, livro que vivamente se recomenda aos leitores da presente obra. Agradecemos a José Barreto a autorização que nos deu para incluir nesta edição os inéditos publicados naquela sua obra. Esses excertos e a sua origem estão devidamente assinalados ao longo do livro.

A presente edição pretende divulgar os textos políticos de Pessoa relacionados com Salazar e fá-los acompanhar de comentários que situam o quadro de acontecimentos políticos que lhes deram origem. A fechar este livro acrescenta-se uma cronologia, centrada na figura e acções de Salazar no período de 1926-1935, a *Cronologia Breve de Um Ditador Longo*, reforçando essa preocupação de contextualização que constitui o motivo deste livro.

Alguns dos textos deixou-os Pessoa inacabados ou com pequenas falhas – a falta de uma palavra ou uma frase suspensa, o que nesta edição se identifica com este sinal []. Simplificámos a apresentação, dispensando o legítimo aparato crítico de edições com maior ambição académica. A grafia foi actualizada, *não se seguindo*, nesta edição, o A0 90, e respeitando-se as maiúsculas de Pessoa. Demos também, a cada texto ou excerto que Pessoa não tituló, novos títulos que, tendo a ver com o seu conteúdo, logo remetem para o tema central da obra.